

O ROMANCE SOCIAL DE FRANCISCO GALVÃO: EXPRESSÕES DE UMA REPRESENTAÇÃO DA CULTURA NA AMAZÔNIA

Marklize Santos Siqueira – Mestranda do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFAM.

E-mail: marklizesiqueira.seso@hotmail.com

Resumo

O artigo apresenta uma análise sociológica da obra literária *Terra de Ninguém*, de Francisco Galvão (1934). A abordagem considera a cultura como uma dimensão da vida social que permite realizar um relato das representações e práticas sociais que permeiam os processos de mudanças pelos quais passaram a sociedade na Amazônia. A forma de exposição tem como foco apresentar as representações simbólicas sobre a região da Amazônia, as nuances que permeiam o amor e a trama da política presentes no modo de vida do Seringal presentes na referida criação literária.

Palavras-chave:

Amazônia; Cultura; Política no Seringal; Modo de vida no seringal; Amor.

Abstract

The article presents a sociological analysis of the literary *Terra de Ninguém*, a Francisco Galvão (1934). The approach considers culture as a dimension of social life that allows for an account of the social practices and representations that underlie the processes by which changes in society began to Amazônia. The form of exposition focuses on presenting the symbolic representations of the Amazon region, the nuances that permeate the fabric of sweetheart and politics present in the Seringal way of life present in that literary creation.

Keywords:

Amazônia; culture; Politics in Seringal; The Seringal way of life; Sweetheart.

Introdução

O ano de 1934, em que se tornou público o romance *Terra de Ninguém* de Francisco Galvão, foi um período marcado pelo que se convencionou chamar de “literatura comprometida”, de “compromisso literário” ou, ainda de “arte engajada”. Este tipo de estilo artístico tende a se expressar com mais vigor, sobretudo, nas ocasiões de crises sociais; e no início do século XX, havia na Europa o sentimento de impotência e de desorientação política, econômica e social devido a eclosão da guerra européia de proporção mundial. Portanto, um cenário propício ao surgimento ou fortalecimento dessa forma de expressão literária.

No Brasil na década de 30, no plano político e econômico, desejava-se afastar o espectro do comunismo desencadeado, principalmente, pela recente Revolução Socialista Russa de 1917. Estes processos sociais permeavam consideravelmente as obras de arte e acabava por exigir dos artistas uma postura combativa e, não raro, para uma defesa da causa socialista.

Conforme Ferreira (2012) e Guedelha (2013), em geral alguns analistas da obra literária *Terra de Ninguém* de Francisco Galvão partem desta constatação e acabam por caracterizá-la como obra panfletária para as ideias socialistas e com fortes traços autobiográficos. Estas análises são consideradas neste artigo como elementos importantes sobre a obra de Francisco Galvão; no entanto, entende-se que conduzem a uma visão verticalizada sobre a importância que representa esta obra literária no contexto regional. Uma análise que priorize o controle da criação artística pelo contexto ou mesmo pela trajetória de vida do autor, pode conduzir a um empobrecimento da versatilidade que compõe a narrativa, portanto, faz-se necessário a condução de outras abordagens possíveis e a relativização de certos pontos de ponto de vistas unilaterais. É este o empreendimento proposto nesta breve exposição.

Quanto ao autor, Francisco Xavier Galvão nasceu em 1906, no município amazonense de Manicoré. Conforme a Seleta Literária do Amazonas (1996 *apud* GALVÃO, 2002), foi filho do Cel. Domingos Hermilo Galvão e Maria Cabral de Vasconcelos Galvão. Estudou em Manaus no Colégio Pedro II, hoje Colégio Estadual, e no Rio de Janeiro tornou-se bacharel em direito. Quando retornou a Manaus trabalhou

como jornalista, além disso, foi deputado estadual pelo Amazonas por dois mandatos. Esta trajetória de Galvão é que permite a afirmação de que o romance *Terra de Ninguém* possui traços autobiográficos na criação do personagem Anatólio, que, também, nasce em Manicoré, é filho de família de posses e estuda em colégio na capital Manaus: “cresci num ambiente de bastante, e ninguém de certo possuía como eu, os mais lindos brinquedos” (p. 57), e segue afirmando “[...] não posso lembrar, sem saudades, o quintal enorme da casa onde nasci, com as goiabeiras verdes e os sapotizeiros cheirosos, carregados de frutos. Era, ali, que eu brincava com um batalhão de curumins, e fazia os meus primeiros exercícios poéticos” (p. 57).

Francisco Galvão na adolescência, aos 16 anos, produziu seu único livro de versos *Vitória Regia*; em 1923 foi colaborador da revista paraense *Belém Nova* e em 1925 lançou o livro de crônicas *Cidade dos Loucos*, este último resultado de entrevistas com os loucos do Hospital Psiquiátrico do Rio de Janeiro; faleceu em 1956. Vale ressaltar que várias das informações colhidas pela Seleta Literária não precisam as fontes que deduz-se ser de conversas com pessoas contemporâneas ao autor; desse modo, temos que enfrentar as indefinições sobre estes agentes sociais que compõem a história social e intelectual na Amazônia.

O romance *Terra de Ninguém* (1934) segue as trilhas de outras obras literárias regionais de seu tempo ao tratar do período do extrativismo da borracha na região amazônica. O espaço social adotado é o Seringal, que representa o híbrido que articula o espaço natural e a inferências humanas; o espaço social do seringal é a *terra de ninguém*. O autor o apresenta da seguinte forma: “*Terra de Ninguém*, onde todos mandam, onde todos exploram e são explorados e a lei é o bacamarte, o rifle quarenta e quatro, infalível e certo. Nem ao menos é fixa! Foge, escorrega, e lá se vai um dia [...]” (p. 146). O autor salienta a percepção daqueles que anseiam por estar no ambiente dos seringais: “O homem chega, atraído pela lenda do ‘El Dourado’, e depois de trabalhar anos a fio, vê-se pior que veio, na miséria e sem saúde”(p.147), e prossegue: “Terra de Ninguém! Paragem maldita onde não se encontra um refúgio, um descanso. Tudo é falso e mente aos olhos.” (p.147). Apresenta uma localidade permeada pelas relações sociais entre homem e natureza, e entre os homens; estabelece uma íntima relação em que há dependência do homem da natureza, mas também a existência de

repulsa a esse ambiente hostil e selvagem, contudo, ao mesmo tempo tem desejo de que a natureza lhe garantisse os anseios das necessidades humanas de descanso e sossego.

Anatólio o personagem que protagoniza a trama, é também o narrador. E busca por própria iniciativa a caminho do seringal depois de terminado os estudos na capital. Ele profere: “somente me serviria a selva enorme eriçada de mistérios, grávida de perigos, onde melhor aprenderia a conhecer os segredos da vida”. (p. 59). Mais adiante afirma, “tinha necessidade daquele exílio; o contato novamente com a natureza, a intimidade de um convívio com os camponeses e lavradores, gente simples e boa que Deus [...] abandonou nas planícies ensolaradas do Amazonas.” (p.61).

Há na ação de Anatólio a determinação do homem que, dadas as suas circunstâncias, deve escolher seu caminho. Para aceitar as condições do contexto da localidade onde vive estabelece uma relação entre o divino e o humano, afinal, para que haja cotidiano não basta a regularidade do dia-a-dia, mas a construção de um esquema cosmológico, que conceda a cada agente divino ou humano seu lugar como entidade capaz de abrir seu próprio caminho. Isto expressa um elemento importante que permeia a formação de diversas culturas existentes nos espaços e em tempos pretéritos e no presente.

A trajetória deste personagem é marcada pela relação campo e cidade. O jovem foi educado na cidade de Manaus, capital do Amazonas, onde passou boa parte da infância, mas seu local de nascimento é o município de Manicoré, interior do Amazonas, banhado pelas águas do Rio Madeira, considerado zona rural. Esta relação permite ao personagem se diferenciar socialmente dos demais seringueiros no Remanso de Manuel da Costa Lobo.

Neste artigo o processo de análise do romance está baseado nas análises da literatura proposta por Roberto Schwarz na obra *Ao vencedor as batatas* (1981), mas principalmente em Raymond Willians em sua obra *Cultura e Sociedade: de Coleridge a Orwell* (2011a). Para este último autor, o desafio da análise literária consiste em relacionar a direção material, neste caso a sociedade, e a dimensão cultural conjuntamente; uma interferindo na outra. A linguagem é considerada como elemento que carrega as transformações do seu tempo; deste modo, cabe apreender como a realidade vai sendo representada pela linguagem. Esta é a linha discursiva que conduz a abordagem da obra

.A ideia central de cultura está fundamentada em Willians (2011a), que a compreende enquanto “todo um modo de vida, material, intelectual e espiritual” (p. 18). Assim, o autor apresenta o *modo de vida* como cultura e ainda salienta que a cultura carrega gestação de um novo mundo que possa forjar uma nova condição humana que é produto de uma cultura, pois esta se configura como uma qualidade que é comum a todos. Portanto, na reflexão aqui proposta trata-se de analisar esse complexo e a sua relação com a formação histórica, ampliando deste modo a diversidade de elementos relevantes que compõem a narrativa.

Assim, o sentido de cultura não se refere apenas como uma reação à nova indústria, ao sistema burguês de organização política e econômica, mas também se interessa pelos novos tipos de relacionamento pessoal e social. A análise considera de modo simultâneo o campo literário nacional e internacional, o contexto histórico do período e a trajetória do autor que expressam a teia de relações que comportam a criação literária. Para desenvolver esta abordagem será trabalhada algumas dimensões presentes na obra. Apresenta-se as representações sociais sobre a Amazônia a partir das condições de existência da vida no Seringal articuladas ao contexto histórico da época. Em seguida, mostra-se algumas nuances do mundo da política no seringal por meio das personagens de Anatólio, Nadesca, Capitulino e Manuel Lobo; em suas vinculações com as ideias que permeavam a política ocidental, quais sejam as ideias comunistas e capitalistas. Logo depois demarca-se as peripécias do amor, do culto ao sentimento humano mais íntimo, que se confronta com a conflituosa relação de gênero, a condição da mulher, as diferenças de posição econômica e social dos amantes; que permeia a cultura regional e nacional na década de 30, e que o autor apresenta de forma leve mas permeada de conflito. E por fim, apresenta-se as considerações finais da discussão.

A construção social de percepções sobre a Amazônia a partir das condições do modo de vida no Seringal

O tema da Amazônia é um desafio ao ser representado nas obras de arte e, também, ao ser investigando no âmbito da ciência, seja pela dificuldade de acessar os dados pelo recurso da memória – por vezes o único procedimento possível –, seja pela questão da adversa geografia da região. Esta Amazônia sempre esteve articulada ao

desenvolvimento global do capitalismo, e são expressões disso o processo de colonização e a exploração de seus recursos naturais como o látex. Isso demonstra uma formação da região sempre articulada ao desenvolvimento global da sociedade capitalista e com um diversificado mosaico sociocultural construído por meio de processos migratórios das populações nativas.

Conforme Leal (2011), as últimas décadas do século XIX e os anos iniciais do século XX marcam um momento decisivo de implantação da ordem burguesa. O avanço da fronteira extrativista na Amazônia se desenvolveu a partir da segunda metade do século XIX; neste processo, o conflito com indígenas e não-indígenas foi inevitável. Os rios Purus, Juruá e Madeira foram as regiões mais impactadas. A exploração da *Hevea Brasiliensis* exigiu a mobilização de mão-de-obra para trabalhar nos seringais. Para tanto, foram utilizadas duas estratégias: a mobilização da mão-de-obra indígena e o deslocamento compulsório de nordestinos, sobretudo cearenses. Talvez este elemento possa servir para compreender o enfoque dado em *Terra de Ninguém* ao seringueiro nordestino, em particular no cearense, que predomina no romance.

O sistema de controle de crédito era a chave da dominação que imobilizava e garantia a forma de poder hierárquica existente no seringal, composta, grosso modo, pelo seringalista – dono do seringal e dos meios de subsistência – e os seringueiros – trabalhadores que extraíam o látex na floresta e empregados do seringalista. Cada seringueiro era considerado livre, mas a dívida que contraíam para se manter vivos, os impedia de usufruir de sua liberdade; o tema da liberdade é elemento que surge em diversos momentos do romance: “Lá do alto, perto do barracão, a nossos olhos ele era ainda, com toda miséria da vida no tremendo da terceira classe, um resquício da liberdade que íamos perder para sempre.” (p.72); em seguida apresenta: “Não valia a pena o sacrifício. Inútil. Nunca mais teriam a libertação. Acabariam os dias ali, algemados ao capricho do patrão” (p. 163). A liberdade está associada, de um lado, pela opressão que permeia o processo de trabalho empreendido nas condições oferecidas pelo regime do seringal, de certo modo, a ideia do trabalho como um castigo, que tirava ou limitava a liberdade dos trabalhadores. De outro lado, o trabalho baseado na dominação, no castigo e na privação dos elementos e sentimentos da vida humana, inclusive da não liberdade para o amor.

O cenário predominante em *Terra de Ninguém* é a floresta amazônica, mais especificamente, na região do Rio Madeira. Os seringueiros são lançados, além de uma rotina fatigante de trabalho, a todos as intempéries da “selva”. Este ambiente era considerado, misterioso e tenebroso.

[...] infame inferno verde, onde a morte espreita em cada clareira. (p. 92)

Outra vez o contato com a terra, a floresta intrincada, cheia de sustos e pesadelos, onde estão a samaumeira, o cedro, o castanheiro, com as umbela enormes, altas, e adormecem e sonham as parasitas abrigadas da violência dos temporais.

A luta de novo com a onça bravia, a fulva, manchada de listas negras, na mata quando engasga por desgraça a arma, e o seringueiro é obrigado, para salvar-se a jogar com ávida, desembainhando o terçado da cintura e atracando épica, corpo a corpo, defendendo-se, com audácia e coragem inauditas, verdadeiramente indescritíveis.

A tragédia do corte da árvore dadivosa, os receios dos índios, os ataques insidiosos do impaludismo [...] somos apenas uns escravos: arriscou Virgolino; escravos e nada mais. (p. 140)

Capitulino mostrava aos companheiros como, além de Manoel lobo, os elementos que se associavam ali contra os homens. A natureza desafiava para a luta desigual, onde ela possui todas as armas, todos os floretes, todos os venenos, esmagando-os com toda a sua força. As enchentes carregavam tudo. Quando vinha o repiquete, as água intumesciam, a enxurrada começava a lamber a planície, levando plantações, casas, animais. Caíam as ribanceiras o barranco, enquanto os lagos largavam as águas, devolvendo o rio jacaré lustrosos, as sucurijus e matatás. Trovões. Relâmpagos. Estampidos. As margens se estorcem, estalam as embaubeiras que se partem (p.146)

Mesmo salientando o aspecto de assombro que a floresta infligia aos seringueiros, faz uma bela descrição sobre a soberania da floresta frente a dominação do homem ou a intenção da exploração dos recursos naturais, ressalta elementos únicos pertencentes ao mundo natural de uma Amazônia selvagem e senhora de si. A Amazônia como um inferno verde se configura como um dos paradigmas que predominou, ainda predomina, em algumas representações literárias. A Amazônia como refúgio do exótico mundo de flora e fauna; e morada de povos não-civilizados aparece como vestígios de um Brasil esquecido e que poderia ser civilizado.

Ainda contemporaneamente é forte a visão da Amazônia como inferno verde, onde predomina áreas perigosas e selvagens. Existe também uma visão de colonizador, cuja uma das expressões é acreditar na inferioridade e incapacidade dos povos nativos, o que impulsionou o surgimento de posturas de indiferença e desrespeito às culturas locais; isto tem se configurado em uma tônica de nosso tempo permeado por sutilezas, embora outras vezes nem tanto.

A ideia da Amazônia como inferno verde e selvagem conduz ainda a uma outra questão igualmente importante que permeia, em particular, a política local e as políticas públicas pretéritas e no presente: a ideia de abandono e esquecimento. As populações que habitam os *rincões* da Amazônia estariam de certo modo esquecidas, até certo ponto, pelo Estado e pelos que estavam geograficamente distantes seja na cidade, no país e mesmo no mundo. Conforme podemos verificar a seguir,

Nadesca: Olho com ternura esses homens rudes estrangulados pelas mãos de ferro da vida [...] Caboclos fortes, desamparados que se perderam na ignorância, e que homem civilizado não permitiu que se educasse, de vez que era preciso explorar sua ignorância absoluta. [...] – Não calcula Anatólio, como me impressiona esta perspectiva sombria do Amazonas. Os seringais sem escola, sem farmácias, sem o menor conforto. A massa anônima de escravos perdidos nas selvas. E ainda se fantasia nos relatórios [...] que existem leis sociais. – O que existe é a miséria...(p. 110)

Nadesca, indiferente à paisagem luxuriosa, continuava a pensar na sorte dos desventurados, na dor anônima dos que povoavam o panorama imenso e abandonado onde vegetava uma população sofredora e triste. (p.111)

Capitulino: No interior, a desordem, o abandono, a miséria. O quadro dantesco que todos viam. O seringueiro, completamente abandonado, presa de sua sorte. Iam e vinham os dias e a situação continuava a mesma. (p. 131)

Evidente que não podemos considerar esta ideia de modo unilateral, pois deve ser relativizada. A Amazônia é social, é global, é cultural; Galvão nos chama atenção para esta circunstância ao ressaltar no âmbito simbólico: as crenças, os contos, a religião, a linguagem e sua relação híbrida com as culturas: negra, europeia, indígena. São muitos os momentos de suntuoso encontro desses modos de perceber o mundo que é Seringal. O mundo simbólico no Seringal é permeado pelo conhecimento ocidental, indígena, caboclo e da cultura negra.

Um exemplo, é quando a personagem de Anatólio recorre às formas de classificação do mundo ocidental que aprendeu na escola moderna como “suplício tantálico”, “libido”, “fauno”, “sátiro”, “lendas valpúrgicas de Wagner”, “senhor feudal”. O Negro Epifânio usa os termos “sinhazinha” (p.136), sempre faz alusão à “escravidão branca”, faz uso do universo da crença em rituais do candomblé; e há ainda as inúmeras nomenclaturas herdadas do saber local às espécies da terra, aquáticas e aéreas. Podemos citar o caso do poraquê, que Anatólio achava mais interessante que o nome científico *Gymnotus electricus* “o nome amazônico era mais bonito, mais onomatopaico. Dizia melhor com o choque do animal, desferido no tronco de uma bacabeira, derrubando todos os caroços”. No romance *Terra de Ninguém* há uma riqueza das nomenclaturas de

espécies animais e vegetais, um verdadeiro inventário da floresta. E ainda uma infinidade de expressões, fruto das experiências do saber local, como “bubuia”, “cunhantã”, “putirum”, “borós” e outros.

No âmbito social, vale ressaltar um momento que aproxima os mundos do colonizador europeu e dos que sofreram a violência simbólica e física. O momento é quando Nadesca reflete sobre a *sorte* a que estão submetidas as populações nativas originárias (no conto representado pelos Muras e Parintintin): “São da mesma maneira que nós. Tudo lhes tiram. Primeiro a terra, de que se apossaram os civilizados. Não contentes ainda, se encontram, matam-nos como animais. E não querem reação. E não admitem que eles se defendam!” (p. 138). Estes discursos podem ser considerados avançados para seu tempo, pois no passado, como no presente, o preconceito cultural conduziu a situações problemáticas e conflituosas na história social regional, nacional e internacional.

Outra questão presente no romance é o plano político, que o autor apresenta da seguinte maneira: “O Governo não ajuda esse pai de família obscuro na educação de sua prole [...], a não ser nas eleições quando ele, ingênuo vota com a chapa que lhe entregam.” (p. 108). Destaca ainda os impactos que a localidade sofre pela crise da borracha, a justiça que funciona e se articula para os ricos.

Dado o exposto, estes são os mundos simbólicos que se mesclam e dão sentido à vida na floresta, na selva. Para Lima (2002), embora os ensaios críticos não ressaltem com centralidade esta façanha da obra, é um elemento que não pode passar despercebido, pois a análise sociológica da literatura deve ter a pretensão de articular o contexto histórico e um conhecimento do discurso analisado, assim, “[...] o texto é tomado como um indicador, documento do que se passa na sociedade.” (p. 663). Portanto, é vetor de determinado universo cultural, com todas as licenças poéticas que dominam o processo de criação da obra de arte.

As ideias que permitem a trama da política no Seringal do Remanso

Esse tema é bastante explorado por alguns analistas da obra literária de Francisco Galvão, como Ferreira (2012), Guedelha (2013) e J. Almerindo Rosa (GALVÃO, 2012). Conforme estes analistas as preocupações políticas que envolvem a trama são o socialismo, o comunismo e a revolução. Esta última, na ausência dos

proletários forjados na indústria, seria realizada pelos trabalhadores dos seringais, neste caso, sob domínio de Manoel Lobo. Estas abordagens são evidentemente coerentes com o que é apresentado durante todo o romance.

O ambiente político permeia a vida de Anatólio desde a infância, foi motivado pela vida abastada que tivera e também foi motivo da decadência financeira de sua família. Por conta de uma posição política adotada por seu pai, a família declinou a condições de vida sem a bonança de antes. Durante sua vivência no Seringal foi fiel aos amigos dos seringueiros, mesmo após passar a ocupar um posto junto ao guarda-livros, possibilitou que a comida não fosse entregue mais estragada e sempre que possível interferia em favor dos seringueiros. Contudo, em nenhum momento adotou uma postura de contestação direta ao dono do Seringal e não assumiu a liderança do movimento pela tomada do Seringal, apenas acompanhava e apoiava o movimento em prol da libertação dos seringueiros. Talvez essa postura política poderia ter relações com a vida e a postura política do próprio autor Francisco Galvão, mas afinal não saberemos, pois não há arquivos na Assembléia Legislativa do Estado que pudessem dar a dimensão da atuação política de Galvão. Fica-se, portanto, no plano da mera especulação.

Uma personagem que nos revela importantes possibilidades de compreensão das relações políticas é Manoel Lobo, dono do Seringal do Remanso. Antes de aprofundar neste tema há uma questão interessante a ser colocada: a existência real do Seringalista Manoel de Sousa Lobo, ou “seu” Lobo, proprietário fundador do lugar Três Casas e um dos grandes seringalistas do Rio Madeira. (LEAL, 2011). Mas este seringalista era tido em grande estima pelos seringueiros, pela coragem e forma como tratou os Parintintin, e era forte aliado da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) na localidade. O personagem fictício Manoel Lobo no romance figurava uma expressão completamente oposta a este “seu” Lobo,

Era de aspecto rude o Manoel Lobo. Cearense. Desconfiado e tímido, como ninguém. Com as manobras políticas em Humaitá desalojara aos poucos os caboclos das suas terras, demarcando-as em seu nome. De uma feita mandara atear fogo as barracas dos seringueiros porque, teimosos, recalcitraram em obedecê-lo quando o Teodolito do engenheiro passou para medir as áreas cultivadas. Homem de poucas palavras, sibilino. Profundamente tacanho e mau, somente disfarçava a fisionomia

moral e se avistava com algum lêmure político da cidade. Então, nem parecia aquele sujeito perverso, caprichoso, de vinganças requintadas, que sorria os reclamos dos escravos, dos que lhe davam o ouro através das peles de borracha e das amêndoas de castanha que atestavam o paiol e o armazém, se tinha próximo o chefe político, ou qualquer membro da sua digna família. Escorregadio, suntuoso, cheio de salamaleques, o coronel tornara-se num boneco sem vontade, sem ânimo, acionado pelos desejos mais absurdos dos Monteiros, que dominavam a política. Quando havia eleição, mandava os seringueiros descarregarem na chapa do governo. Gastava dinheiro a rodo preparando o pessoal, nesse dia, embarcando-os na “jarina” para o pleito. (p. 83)

A questão do autor conhecer o Seringalista é uma circunstância importante de ser considerada. De certo se não o conheceu pessoalmente, certamente sabia de sua existência por conta da posição de destaque na política e na economia local e regional. O Manoel Lobo retratado por Francisco Galvão evidencia as condições degradantes a que eram submetidos os seringueiros, a existência do tronco no Seringal do Remanso acentua as relações de poder a que estavam submetidos. O representante da economia da exploração privava os seus subalternos de suas sensações mais primárias como ter uma esposa e o prazer das relações de cópula, embora permitisse a ida dos seringueiros ao bordeis da localidade.

No plano político apresenta o Seringalista articulado ao poder local, para o qual obrigava seus subalternos a cumprir os rituais da democracia, votando sempre no candidato que apoiava; e no trato com as autoridades do poder judiciário ficava bem evidente que a justiça servia aos patrões, àqueles detinham influência política e o poder econômico. Isto é ilustrado no caso de Zé Vicente, condenado a 30 anos de prisão, pelo assassinato de Wagner, o filho do seringalista, por que estava mantendo um “caso” com Felica. O Advogado Frederico disse a Manoel Lobo: “Sei que o tribunal confirmará a sentença do Júri, não dando provimento à apelação feita pelo imbecil de Alberto Maia, um poeta de melenas enormes, e idéias curtas. Temos lá bons amigos. Vou escrever ao Baltazar; jogarei à Maçonaria, se preciso for em cima. Depois o J.G não dorme e manda no Palácio da Justiça” (p.157). O sistema jurídico, ainda hoje, configura-se uma trama complexa de tensões e influência entre os poderes legislativo, executivo e judiciário, e em sua articulação com as forças econômicas. Estas relações ambíguas permeiam a sociedade que optou pela forma de Estado forjada sob os auspícios da Revolução

Burguesa na França e que compõem o repertório da formação dos Estados nacionais modernos.

As ideias socialistas adentram no cenário local, sobretudo, de Nadesca, filha do dono do Seringal, que chegara do Rio de Janeiro e tinha paixão pelas ideias da Revolução Socialista. Lia Trotsky e Lênin, e discursava sobre a revolução e sua necessidade enquanto prática histórica. Mas quem organizou os seringueiros para o levante foi a personagem secundária o Capitulino, que provinha do Rio de Janeiro e acompanhava o movimento operário que se organizava no sudeste do país. Poderíamos comparar, ressalvado as peculiaridades, Capitulino ao herói de Émile Zola em *O Germinal* (2000). Capitulino carrega consigo o germe da revolução e trabalha intensivamente na organização dos trabalhadores contra a exploração e pela revolução.

No entanto, foram as condições de exploração existentes no Seringal que insuflaram a revolta. Dentre os motivos temos: a eterna dívida ao seringalista, os maltratos e castigos, o preço abusivo dos alimentos, a negativa de permitir a organização do sindicato no seringal do Remanso e, por fim, nem conseguir realizar o prazer sexual por não ter como pagar, “o homem que não podia alimentar o seu amor era uma labareda viva, pronto a atear a fogueira da Revolução” (p. 163). Este cenário do Seringal do Remanso foi a base de sustentação aos discursos pela revolução proferidos por Capitulino, do qual Nadesca e Anatólio eram cúmplices,

Manoel Lobo – dizia Capitulino – é o inimigo invencível, com a força que nós mesmos lhe damos, o nosso suor, que faz a sua fortuna e o seu prestígio. Não há quem lhe escape os botes traiçoeiros. Precisamos reagir. Opor diques extraordinários aos seus atos, aos seus dogmas. Sem essa resistência não poderemos viver – seremos fatalmente absorvidos pela Natureza, ou aniquilados pelo Homem. (p. 147)

Esgotamos, meus amigos, os meios suasórios. Vamos agir agora com a força. Onde não vencem os meios pacíficos, deve-se empregar a violência. Rousseau escreveu o seu livro para a onda avassaladora que destruiu a Bastilha. O Brasil tinha o exemplo da Revolução. Foram preciosos os sacrifícios dos dezoito do Forte de Copacabana; as masmorras fétidas de marechal Fontoura; a miséria de Clevelândia, para vencesse a ideia revolucionária. Todos estavam de acordo. Era a primeira vez que a massa oprimida se rebelava. (p.169)

- Contra os opressores, pelos que sofrem, encurremos a fera! (p. 171)

O desfecho deste conflito foi a assassinato de Manoel Lobo e sua esposa Dona Rosa, mas Nadesca foi poupada, pois, assim como os seringueiros esperava por este momento, disse em um de seus discursos: “Hei de ver aí a vitória dessa gente que sofre

esmagada pelo trabalho. Há de vir o dia da libertação, meu pai deve aceitar o que eles querem” (p. 180).

No dia do levante os seringueiros saquearam tanto quanto queriam e podiam o armazém do seringal do Remanso. Se a intenção que move o sujeito é provocada por uma fantasia enlouquecida, e capaz de converter passivos homens em exército de homens prontos para a insurreição, a noção de individuo autocentrado se esvai.

No plano histórico real da região os conflitos nos seringais eram frequentes, os jornais do município de Humaitá noticiaram que numa comunidade do interior, o Seringalista Francisco Gomes foi assassinado por um dos seringueiros que trabalhava em seu Seringal. Ai se manifestava os sinais de resistência frente ao poder do seringalista. E ainda o Manoel Lobo real existente no Madeira lançou-se na justiça contra alguns de seus seringueiros acusando-os de furto, ao que foram inocentados por falta de provas.

Acompanhando a Geração de 1930, Galvão em seu romance social *Terra de Ninguém*, (re)constrói as linhas ideológicas de seu tempo histórico. É evidente que por meio de seus protagonistas, principalmente Nadesca e Anatólio, está a defesa do socialismo, oriundo das transformações históricas acontecidas no Brasil e no mundo. Considerando a postura de que as ideias circulam e são apropriadas e resignificadas a partir das condições de cada contexto.

No entanto, será que as propostas de narrativas de Galvão não poderia está alinhada a dimensão das *ideais fora do lugar* a que alude Roberto em sua obra *Ao vencedor as Batatas* (1981)? Para Schwarz “ao longo de sua reprodução social, incansavelmente o Brasil põe e repõe ideias europeias, sempre em sentido impróprio.” (p.24). É neste clima social que esse momento da história brasileira de torna problema para a literatura. O campo literário no Brasil do século XX, certo de sua modernidade, construía uma caricatura de cultura européia e as expunha no plano literário. Isto é importante de ser considerado uma vez que faz parte do processo histórico que compõe a experiência intelectual.

Em *Terra de Ninguém* temos um universo cultural composto pelas seguintes esferas: o processo produtivo nos seringais da Amazônia – no qual o trabalhador era considerado livre –, a existência da cultura do favor e as especificidades complexas dos mundos simbólicos promovido pela mistura dos universos culturais europeu ocidental,

indígena, cabocla, negra e nordestina. Estes elementos constituem uma realidade histórica completamente distinta da que existia nas sociedades burguesas no auge de seu desenvolvimento. De alguma maneira a formação sociocultural foi incorporada pela obra de Galvão, evidentemente, a sua maneira, com a liberdade criativa que a criação artística permite.

Têm-se a percepção de que o autor introduz as ideias socialista e comunista como um receituário de solução para situação de desigualdade e exploração no seringal do Remanso. É possível que essa possibilidade tenha sido despertada pela Revolução Socialista Russa de 1917, pois em uma região basicamente agrária os camponeses, liderados por socialistas, promoveram a revolução; e no romance são sintomáticas as referências a Trotsky e Lênin. Dada a circunstância, como não sugerir que isto poderia acontecer na Amazônia, uma vez que estava imersa na exploração do trabalho humano para a extração da seiva de ouro, o látex. A região vivia seu auge de riqueza e de exploração e, na mesma medida, o auge de empobrecimento dos trabalhadores.

O autor propõe que somente estas ideias seriam capazes de construir a igualdade e restituir a liberdade perdida. Mas até que ponto e em que medida estas ideias tem aderência ao contexto social amazônico? Estas ideias constituem a forma de racionalidade construída na Europa ocidental, fruto de forma de racionalidade erigida na civilização burguesa, portanto, estariam permeando um ambiente cultural distinto, embora estivesse articulado a estes. As bases que forjaram o solo histórico da Amazônia – o modo de vida, a formação das instituições políticas e culturais, a visão de mundo – é distinto do chão histórico que produziram as ideias socialistas e comunistas; é, de certo modo, indiferente. Por mais que estejamos mergulhados no universo do capital, que não chega tomar sua forma clássica; os universos culturais que formaram a região é um desafio a ser compreendido e expresso seja pela ciência, seja pela literatura.

Nesse sentido, a literatura brasileira hegemônica no período de Galvão se tornou, nas palavras de Schwarz (1981), um labirinto singular, uma espécie de oco dentro do oco. Poderíamos inferir que Nadesca pode representar este torcicolo cultural, híbrido problemático, representante da *cultura* burguesa, cultura aqui entendida pela definição de Willians (2011). Contudo, a obra de Galvão é salvaguardada pela riqueza de elementos da cultura regional que apresenta e que, de certo modo, contrastam com a

cultura burguesa, inclusive expressa em algumas reflexões feitas por Nadesca que se referia ao processo violento de colonização sofrido pelos Parintintin.

Zé Vicente e Felica x Anatólio e Nadesca: as condições sociais e as peripécias do Amor no Seringal da Amazônia

Na representação sobre o amor no romance um personagem secundário que se destaca é o de Zé Vicente e sua relação com jovem adolescente Felica. Nas palavras de Anatólio, Zé Vicente era “Homem feliz. Simples [...]. Acomodatício. Ia para o Remanso como se fosse para o céu. Tanto fazia. Abandonara tudo. Só não esquecia a noiva, a do Rosário, que o contratador não deixava casar com ele, porque o regulamento do patrão não consentia mulher no seringal” (p. 65). Depois de receber a notícia da morte da noiva, Zé Vicente se entrega ao seu destino de soldado da borracha, participava dos festejos locais, flertava com as mulheres da localidade até cometer o estupro à Felica, que casou com o seringueiro. Afinal, em sua condição de mulher e pobre não teria justiça das instituições jurídicas e como não era mais virgem, dificilmente seria respeitada para conseguir um marido. A solução seria casar com aquele que forçosamente a desvirginou. Felica era considerada moça bonita e sempre recebia a cortejo de alguns homens da localidade, principalmente nos eventos que envolviam as festas. Mesmo casando com Zé Vicente, manteve seus desejos por Wagner, filho do dono do Seringal, que deseja antes da fatalidade praticada pelo marido, embora, o amante tenha sido assassinado após a descoberta de seus encontros.

A condição de Nadesca gozava de outras conformações. Enquanto filha do patrão não era cortejada pelos homens da localidade, pois tinham medo das reações de Manoel Lobo e do que poderia fazer dado o poder que tinha. Mesmo Anatólio quando a beijou pela primeira vez sentiu medo devido as condições sociais a que estava submetido: ela burguesa e ele um simples sangrador de árvores.

No entanto, ambas as personagens estavam submetidas às relações que permeavam os relacionamentos entre homens e mulheres. Ambas, um dia, haveriam de casar, cuidar de casa do marido e ter um marido que as sustentasse. A questão da dependência econômica da mulher, de que deva ser sustentada economicamente pelo homem, mesmo Nadesca com suas idéias modernas de feminismo não conseguiu fugir:

“[...] não quero mesmo me casar. Sairei de casa; ele terá forças para me sustentar.” (p. 166). Talvez tenha sido um deslize de coerência do autor em relação ao perfil da personagem que vinha construindo durante a trama, ou simplesmente queria demarcar a condição feminina que predominava nos idos da década de 30.

Contudo, Nadesca enfrentou as rígidas posições que as condições sociais e econômica impunham ao amor, desafiando o pai que encarnava um defensor desta forma rígida de concepção: “Mostrara ao seu carrancismo que o amor não tinha barreiras, e desconhecia o limite de castas. Amara e unia de alma e corpo àquele que lhe despertara os instintos. Era assim que compreendia a vida, essa era que devia ser a educação no Brasil, onde os maridos enganam as esposas, e não tem coragem de confessar que não as querem mais.” (p. 167). Porém, o amor dedicado por Anatólio à Nadesca é tido com duvidoso, se é que realmente existiu: “Num impulso mais forte até hoje não sei explicar se era amor, se teria sido apenas instinto.” (p.154). Os amantes possuem um final interessante onde o autor mescla elementos do amor e da política. Ambos assumem as consequências da relação, Anatólio é posto no tronco por Manoel Lobo, e Nadesca num ímpeto pelo amor que dedica a Anatólio e pelo amor a revolução se junta aos seringueiros na tomada da casa do próprio pai. Ao que segue, acontece o aborto que é relacionado às condições de desigualdade social: “Mais uma vida que se consome, vítima do preconceito social no Brasil, perdida na selva numa demonstração positiva da falsa educação e do atraso do meio social em que vivemos!” (p.173)

O sujeito que está sendo forjado no início dos tempos modernos, é representado pelas personagens de Anatólio e Nadesca. A primeira por ir em busca do seu *El Dorado*, do seu destino; e na forma de conceber as circunstâncias sociais a que está submetido e, contudo, se solidarizar com as condições de vida e de trabalho dos demais seringueiros, formando um compromisso social e político com estes. Esta disposição é motivada por sua amada que lhe dá acesso a literatura européia, em particular a russa, isto o mantinha a par da luta de Trotski contra Stálin. A personagem Nadesca, contesta a condição da mulher, reivindica sua participação na vida política, e tem a ideia centrada da possibilidade de uma revolução que conduzisse à igualdade social na sociedade. Para Nadesca a mulher nasce para o amor, esse é o seu destino, a sua liberdade. O casamento é tido como cárcere. Esses traços dos personagens permeia o amor que é desenvolvido ao longo do romance de Francisco Galvão. É como se o casal representasse os inúmeros

outros casais que vivenciam o amor e a ideologia em um contexto de crise social, um casal com ideologia socialista.

Considerações finais

O romance de Francisco Galvão é uma narrativa onde se passa e se revela a história mundial em seus desdobramentos na cultura regional. É uma janela que expressa o solo histórico que permeia a experiência intelectual, pois o intelectual não está fora do mundo. Isto é verificável quando o autor apresenta o solo social em que foi concebida a criação literária: as ideias políticas, sociais e culturais de seu tempo. Logo, o romance está a serviço do realismo, da apresentação corriqueira da vida cotidiana.

No romance *Terra de Ninguém* há uma representação das condições da sociedade na Amazônia; com a ressalva de que a obra não é uma imagem da sociedade, mas apenas a contém. É uma característica do romance restringir uma narrativa ao mundo presente e familiar da experiência cotidiana, com a visão no passado e, às vezes, uma projeção do futuro, uma combinação de objetivos comuns com motivações particularizadas. Apresenta um registro das reações no plano da cultura às mudanças nas condições da vida em sociedade.

O romance proporciona as particularidades que compõem as interpretações sociais sobre a Amazônia, assinalada pela tônica do Inferno Verde, da abundância dos recursos naturais e do isolamento e abandono daqueles que habitam a região. Traz ainda uma paisagem social das relações políticas, jurídicas e de trabalho que permeiam esse momento importante da história regional que é o período de auge e crises de exploração da borracha; e acrescenta a isso a dimensão da afetividade, do amor, da pulsão sexual; tão comum a nossa espécie humana e que é cercada de múltiplas determinações. As questões sobre gênero poderiam ser alvo de futuras abordagens por oferecer elementos pertinentes na obra. A impossibilidade de vivenciar o amor e o prazer surge como a “gota d’água”, a chama do explosivo que desencadeou em definitivo a revolta no seringal.

A obra apresenta, mesmo em aspectos parciais, a vida do homem e sua extraordinária multiplicidade, sua fertilidade valorativa; esta é uma conexão importante, a ideia de uma multiplicidade de formas culturais que une em uma forma específica o entrelaçamento social. Portanto, é muito mais que uma mera reprodução autobiográfica.

Mas uma questão pode ser levantada: até que ponto as ideias cunhadas do mundo europeu e capitalista têm aderência ao contexto dos seringais na Amazônia? Conforme Lima (2002), vale ressaltar que o real participa da obra, mas a obra de arte é irreduzível a uma realidade que possa traduzir, embora ofereça uma determinação da imagem de uma sociedade.

A condição da produção do Romance de Francisco Galvão está permeada pelo processo de validação de uma obra como fato literário; desde modo, sua obra está diante da comunidade de leitores que se impõe com um conjunto determinado (homogêneo e heterogêneo) de expectativas. Esse campo literário que permeou que presidiu a década de 1930 foi um dos fatores que determinou a forma, o estilo e a estrutura da narrativa elaborada por Galvão. Isto influencia, também, as propostas de análises elaboradas pelos críticos literários da obra do autor. Afinal, a obra literária se configura como um produto de seu tempo e, às vezes, para além dele; pode ser contemporâneo e extemporâneo.

Galvão sucumbiu ao esteticismo presentes na Europa que assumiu a forma de protesto contra a civilização burguesa. Trazendo elementos de uma filosofia política e filosofia cultural que a cena histórica regional não se adequava efetivamente como nos moldes de desenvolvimento do capitalismo europeu. O levante ocorrido no Seringal do Remanso acontece, sobretudo, pela a reivindicação de alimentos e por melhores condições de vida, não se propunha a questionar as bases em que se assentavam as desigualdades sociais e econômicas, e não se propunha a construção de um novo Estado em bases socialistas.

De algum modo o autor expõe o que tem sido considerado a parte mais importante da cultura européia ocidental, os trabalhos da imaginação intelectual que o marxismo, denominou e demarcou como burguesa, e as repostas intelectuais que foram construídas para combatê-la – as ideias comunistas e socialistas –, embora sua alternativa cultural permaneça muito similar à ordem burguesa.

A obra *Terra de Ninguém* carrega um forte e delicado deslocamento epistemológico, a situação política dos tempos modernos; no entanto, o processo criativo, a imaginação que articula o realismo e a narrativa romântica produz um certo equilíbrio de qualidades opostas e discordantes, se configura em uma crônica político-amorosa regional.

Na obra *Terra de Ninguém* tem-se contato com os demônios e os fantasmas existentes na época de Francisco Galvão em nível regional, nacional e junto à história mundial que abarca a todos direta ou indiretamente. Nela o socialismo e o comunismo não ganharam palanque, mas se sagra como romance social regional articulado com as preocupações socioculturais e literárias de seu tempo e espaço.

Referências

- FERREIRA, Arcangelo. **Do espaço à personagem**. Revista Travessias. Vol. 6, nº 1, 2012.
- GALVÃO, Francisco. **Terra de Ninguém**. Manaus: Editora Valer, 2002.
- GUEDELHA, Carlos Antonio. **Um palanque em Terra de Ninguém**. Revista Decifrar Manaus/AM, Vol. 01, nº 01, (Jan/Jun-2013).
- LEAL, Davi Avelino. **Cotidiano e conflito nos seringais do Rio Madeira (1880-1930)**. Fronteiras do Tempo: Revista de Estudos Amazônicos, v. 1, nº 1 – Junho de 2011.
- LIMA, Luiz Costa. **A análise sociológica da literatura**. In: _____ (org.). Teoria da literatura em suas fontes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. (Vol. 2)
- RAYMOND, Willians. **Cultura e Sociedade: de Coleridge a Orwell**. Trad. Vera Joscelyne. Rio de Janeiro: Vozes, 2011a.
- RAYMOND, Willians. **O campo e a cidade: na história da literatura**. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011b.
- SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**. São Paulo: Duas Cidades, 1981.
- ZOLA, Émile. **Germinal**. Trad. Silvana Salerno. São Paulo: Companhia da Letras, 2000.